

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras
Toda a correspondência deve ser
dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adeantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brasil, anno 52 numeros..... 50000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 15000 * | Africa e India Portuguesa, anno. 25000 *
Cobrança pelo correio..... 5100 * | Estrangeiro, anno 52 numeros... 30000 *

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data;
tem porem de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Annuario Commercial
5, Calçada da Gloria, 5.
IMPRESSÃO
A EDITORA
L. Conde Barão, 50

Ordem do dia

Dr. F. M. da V.

Este homem é o arbitrio rubricando uma contra-fé.

E, se o regimen lhe deve uma imponencia de bayoneta calada, a imprensa deve-lhe a flagelação.

Temperamento impetuoso.

Especie de vendaval devastador: derruba, calca, anniquila, destróe. Por onde espreita, ameaça. Por onde passa, fere.

Herodes que ao cabo da tarefa sanguinaria arma em Pilatos, murmurando ao lavar as mãos na bacia da lei: — São ordens!...





Inoffensivo, de absoluta pureza, cura dentro de **48 HORAS** corrimentos que exigiam outr'ora semanas de tratamento com copahiba, cubebes, opiatas e injeções. Sua efficacia é universalmente reconhecida nas affecções da bexiga, na cystite do cólo, no catarrho vesical, na hematuria.

Cada Capsula tem impresso com tinta preta o nome 

PARIS, 8, rue Vivienne, e em todas as Pharmacies.

Pasta brilhante **AMOR**

Para limpar toda a qualidade de metaes

Briquetes marca ESPADA

Para limpeza de vidros e espelhos

Garante-se o resultado tanto da pasta como dos briquetes. Depositarios em Portugal: J. B. Fernandes & C.ª Lisboa — Largo de S. Julião, 15 a 18. — venda em todas as mercearias, drogarias e lojas de ferragens. — Grandes descontos aos revendedores.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

SERVIÇO DOS ARMAZENS Fornecimento de esponjas

No dia 5 de Março pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio) perante a comissão executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas apresentadas para o fornecimento de esponjas.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos Armazens (edifício da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, e, em Paris, nos escriptorios da Companhia, 28, rue de Châteaudun.

O deposito para ser admittido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio.

Lisboa, 9 de Fevereiro de 1906,

O Director Geral da Companhia,
A. Leproux.

Fornecimento de ferramentas e ferragens

No dia 5 de Março pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas para o fornecimento de ferramentas e ferragens.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos Armazens (edifício da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

O deposito para ser admittido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação do Rocio.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1906,

O Director Geral da Companhia,
A. Leproux.

BOLSA OFFICIAL DE LISBOA

CORRETOR

VIRGILIO DA COSTA

Escriptorio

RUA D'EL-REI, 112, 114

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa
da Pharmacia Franco

Esta farinha, que é um excellente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para a convalescentes, pessoas idosas ou creanças, é ao mesmo tempo um precioso medicamento que pela sua acção tónica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo. Está legalmente autorizada e privilegiada. Mais de 300 attestados dos primeiros medicos garantem a sua efficacia.

Onde do Restello & C.ª

• LISBOA — BELEM

CAPA DA PARODIA

Está prompta e á disposição dos nossos colleccionadores a capa para o 6.º volume.

Em Lisboa — vende-se exclusivamente — na administração, rua dos Mouros 37, e nas provincias em casa dos nossos agentes.

PREÇO 700 réis

Pelo correio, 740

A administração encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de 240 réis.

A. D'ABREU  ANTIGA ESCASA
Viuva Soares & Filho

JOALHERIA E OURIVESARIA

SEMPRE NOVIDADES

57, e 59, Rua do Ouro. 57 e 59 • LISBOA

A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil

A. TELLES & C.ª

Rua Garrett, 120 (Chiado)

LISBOA

71, Rua da Bandeira

PORTO

Café especial de MINAS GERAES

BRAZIL

Torrado ou moido kilo 720

Já chegaram novas remessas de: bananas glacées e pasadas, pimenta comary e malagueta, goiabada, farinha de Surubhy, farinha d'agua, do Pará, araruta, tapioca, etc.

Todo o comprador tem direito a tomar uma chavena de café gratuitamente.

Telephone n.º 1438



PARODIA

FUNDADOR
RAPHAE BORDALLO PINHEIRO

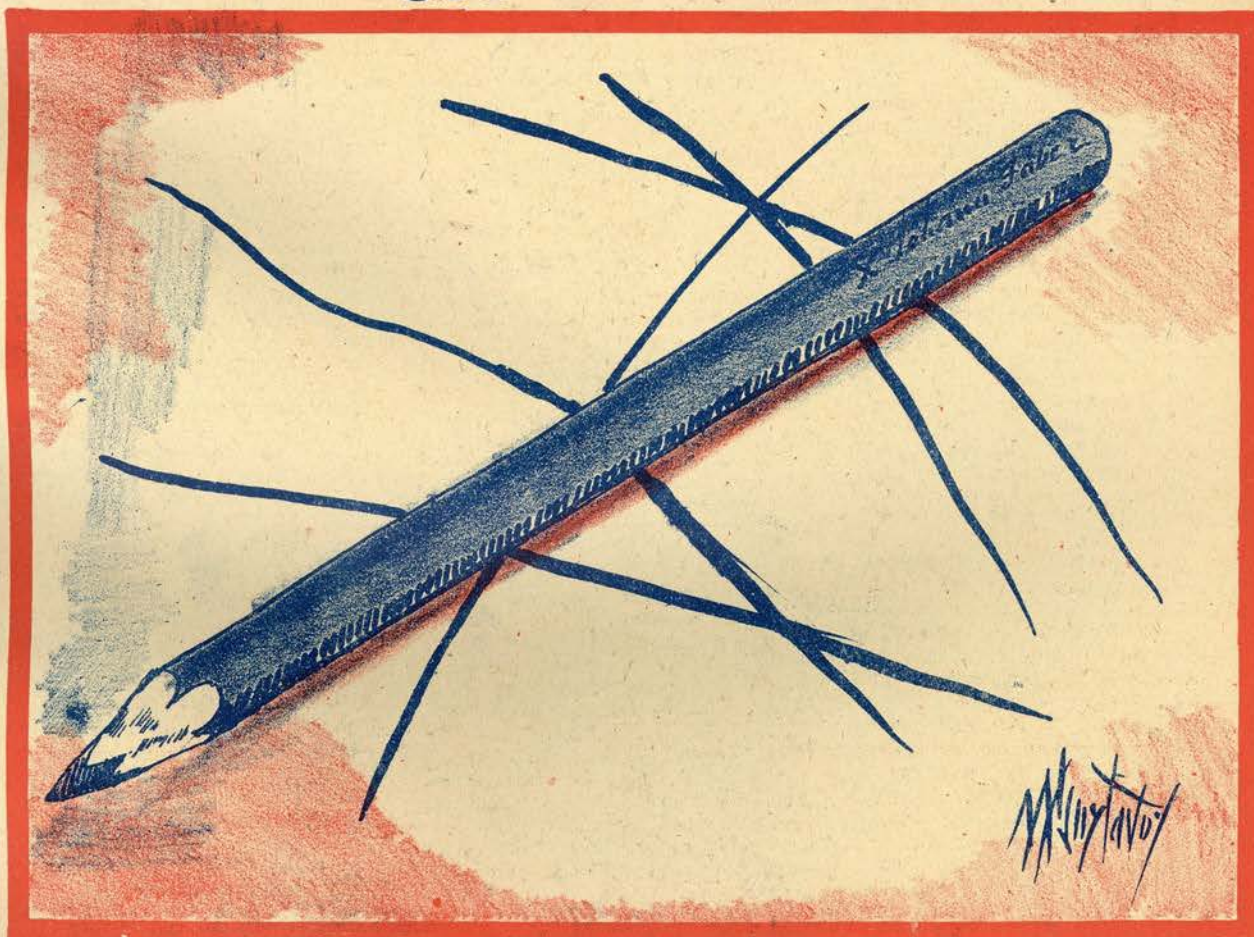


7
ANO
96

N.º 189 - LISBOA, 23 DE FEVEREIRO

Publica-se às sextas-feiras Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da PARODIA PREÇO AVULSO 40 RÉIS Um mez depois de publicado 30 réis	Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º Assignaturas (pagamento adiantado) <table style="width: 100%; font-size: 0.8em;"> <tr> <td style="width: 50%;">Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs.</td> <td style="width: 50%;">Brasil, anno 52 numeros..... 52000 rs.</td> </tr> <tr> <td>Semestre, 26 numeros..... 12000 rs.</td> <td>Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.</td> </tr> <tr> <td>Cobrança pelo correio..... 3100 rs.</td> <td>Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 32600 rs.</td> </tr> </table> NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho	Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs.	Brasil, anno 52 numeros..... 52000 rs.	Semestre, 26 numeros..... 12000 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.	Cobrança pelo correio..... 3100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 32600 rs.	EDITOR — "ARDIDO CHAVES" COMPOSIÇÃO Minerva Peninsular 82, Rua do Norte. 82 IMPRESSÃO "A EDITORA" L. Conde Barão
Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs.	Brasil, anno 52 numeros..... 52000 rs.							
Semestre, 26 numeros..... 12000 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.							
Cobrança pelo correio..... 3100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 32600 rs.							

UM DESPOTA



Pagina retirada pela policia

Carta a um jornalista da província, sobre a imprensa de Lisboa nas suas relações com a liberdade.

Amigo:

Queres saber o que se passou na reunião da imprensa, de que tanto esperastes nos teus justos anseios pela liberdade? Passou-se isto: não se passou nada! A palavra *solidariedade*, já se vê, andou de mão em mão. Alguns dos nossos confrades tomaram-lhe mesmo o peso. Mas foi tudo. Frustrou-se então a reunião? Tanto quanto se pôde considerar frustrado um facto que já o está de ante-mão, sim—frustrou-se. Da reunião não sahio esse duello da imprensa contra o despotismo, que já esperavas ver renovar-se nos nossos tempos sob o typo classico da resistencia ás ordenanças de Julho. Da reunião, já t'o disse, não sahio nada. Mas não! Alguma coisa sahio: sahimos nós.

Toda a luta, vê tu, quer luctadores e em Portugal não há luctadores. Não os ha na imprensa, não os ha em parte alguma. Em rigor, não ha medrosos, pusillanimes, fracalhões, cobardões, como estarás talvez pensando. O medo acompanha a investida e na reunião da imprensa não houve mesmo esse gesto. Ninguém investiu. O que ha são interesses contradictorios e que por isso mesmo se associam e como queres tu, por exemplo, associar interesses moraes e interesses materiaes? Muitas vezes, quasi sempre são incompativeis. Mais uma vez, d'esta vez o foram.

Na reunião da imprensa estiveram representados interesses moraes e interesses materiaes, ideal e dividendo. Não se entenderam e aqui tens tu porquê. Tu leste que fora convocada uma reunião de jornalistas. Ora, o que na realidade appareceu n'essa reunião, não foram jornalistas: foram jornaes e entre um jornal e um jornalista ha uma consideravel differença.

Um jornalista é muitas vezes esse advogado gratuito da liberdade e esse ser paladino que tu pões na tua imaginação allucinada pela historia. Um jornal é um jornal e se ha jornaes como espadas, ha jornaes como enxadas, o que quer dizer que se ha jornaes bellicosos, guerreiros, batalhadores, outros ha que apenas são pacificos instrumentos de trabalho, de prosperidade, de fortuna. Chama estes jornaes ás luctas classicas da imprensa? Elles não irão, nem de rastos, porque a sua divisa não é bater-se, morrer, mas bem ao contrario, repousar, viver.

Entre os jornalistas, leves, portateis, transportaveis, mobilisaveis, e estes pesados instrumentos de publicidade—verdadeiros trambolhos—estabeleceu-se naturalmente uma incompatibilidade mais do que de principios—de peso. E não foi possivel chegar a accordo, nem mesmo em nome da solidariedade da classe, porque as classes não se associam em virtude de palavras, mas em virtude de factos e o facto é este: a imprensa de Lisboa são dois jornaes e alguns jornalistas. Pediu-se uma grande manifestação á imprensa: os dois jornaes não a deram e os jornalistas, esses, são vontades solitarias sem instrumentos efficazes de acção. Tu viste: os pequenos jornaes, voluntarios, destemidos, heroicos, succumbiram.

E o governo triumphou. Devo, porém, observar-te que o seu triumpho foi facil. Com cma imprensa como a que teve o ultimo governo de Carlos X, não teriamos mais governo e—quem sabe?—não teriamos mais Carlos X.

Com estes informes te abraça o

teu do c.

Fabricio

Redactor em chefe do
Clamor da Estrella

Jornalismo e jornalistas

Entre os redactores da imprensa diaria da capital houve alguns que applaudiram os actos praticados pelo governo em prejuizo da liberdade da imprensa e com infracção do documento constitucional, e aqui está, cremos, o que absolutamente torna esses jornalistas—porque jornalistas são—fundamentalmente incompativeis, senão com os seus collegas, com a sua profissão, porque os seus collegas podem ter a este respeito uma maral benevola, mas a moral da profissão, essa, é despotica.

Não ha jornalistas ministeriaes, ou anti-ministeriaes. Ha jornalistas, e a profissão do jornalismo é inherente um vivo amor pela liberdade. Renega-la pode ser licito aos individuos de todas as profissões, memo aos jornalistas que já o foram, como o pretende o sr. José Luciano de Castro, porque não ha mediocre sem uma obra, que não allegue no seu passado um artigo de jornal. Aos jornalistas militantes não é legitimo renegar a liberdade, senão com a condição de serem falsos jornalistas e sob pena de não o podetem ser mais—mesmo falsos.

O que succede entre nós?

Succede que ha d'esses jornalistas

falsos que o continuam sendo para os seus confrades, que não os repudiam, não o continuam sendo para a sua prissão, que francamente os repelle.

Entre esses jornalistas e o jornalista deu-se um conflicto insanavel e elles teem de escolher: ou virem de vez para o jornalismo, ou irem de vez para o ministerio.

CADASTROS POLITICOS

Pego na penna para escrever a minha chronica para a *Parodia*, e, he-sito. Não sei se o meu protesto, por que outra cousa não saberia clamar n'este momento em que as mais odiosas leis de oppressão e os mais desvairados arbitrios cahem sobre a imprensa, não sei se o meu protesto será tambem impedido de circular. Não vivemos já sob o dominio intollerante da apprehensão, vivemos sob o ultrage da censura previa. Antes de formularmos o nosso pensamento elle é suffocado; antes de gritarmos uma palavra, amordacam-nos.

Em vão se garante que estamos em Portugal, eu acredito que estamos na Russia. Em vão se nos affirma que o regimen é liberal, eu sinto-o eminentemente despotico.

—Mas, quem é o responsavel?—pergunta-se.

—O ministro do reino.

Pois bem, indaga-se quem é o ministro do reino, e, sabe-se que elle é o sr. Eduardo José Coelho.

Eu, conheci esse homem ha dois annos, na Camara dos Pares, ouvi-lhe os discursos, e, acreditei na sinceridade das suas palavras, que aliás tinham eloquentes arrebatamentos, e clangoravam como apostrophes, quando exigia a liberdade: de pensamento e de imprensa.

Esse homem dinamitava violencias contra todas as repressões e, para ellas promettia vingadoramente a barricada:

—Em que paiz estamos, sob que regimen vivemos?

O sr. Eduardo José Coelho mudou de opinião, mal entrou para o governo. O liberal que eu conheci indignado e ameaçador, é hoje uma creatura que se agacha ante o egoismo auctoritario. Não é um estadista. É um cumplice.

Não se insurge, como outr'ora, recentemente ainda, contra as odiosas perseguições de que a imprensa está sendo victima. Ordena-as.

Na opposição queria a liberdade, com todos os seus impetos varonios, todas as suas audacias, todas as elevadas e nobres aspirações. Queria—n'uma palavra—a verdade.

Recordo-o, como se fosse hoje, o que o sr. Eduardo José Coelho pedia na Camara dos Pares:

—Publiquem-se as actas do Conselho de Estado. Não ha, não podem haver situações politicas secretas. Queremos a Verdade.

E, a sua voz aspera estrugia. Era cortante. Ameaçava destruir, derrubar, aniquilar tudo.

—Queremos a Verdade. Queremos a Verdade!...

Agora, o sr. Eduardo José Coelho, todas as manhãs, ao vestir as ceroulas de flanela, compõe o seu gesto mais humilde, a sua attitude mais humilde, e entra na tipoia, que o ha-de conduzir á Arcada, resmungando o *pœnitet me*.

—*Mea culpa*, senhor, *mea maxima culpa*— e interrompe-se para dizer ao cocheiro:

—Ministerio do Reino— e prosegue:

—*Mea maxima culpa*...

O regimen que existe agora para a imprensa, é o do bandoleirismo sumario:

—Calas ou morres.

A opinião publica não tem já caminho algum por onde refira o seu protesto. O unico que lhe restava era a imprensa, e esse cheio de ciladas. Pois esse mesmo está intransitavel. Não é apenas a apprehensão, é a censura previa.

E, o que se pretende suffocar? A verdade? A mentira? A injuria? A lisonja? Pretende-se apenas calar a opinião. Portugal não pode ter opinião, porque tel-a, mesmo indecisa ou prolixa, é crear responsabilidades — é crear adeptos.

O governo não quer partidos fora do seu partido. Quer vassallos. E, para possuir a illusão de que todos o somos, manda perseguir, manda calar, manda prender qualquer voz que possa resôar, formidavel ou frouxa, no meio d'este descontentamento geral.

E, porque este descontentamento invade todos os espiritos e invade todos os corações, urge recorrer ao ultrage: á censura previa.

Mas a censura previa não é da lei, dir-se-ha. Sim, não é da lei, mas é da vontade do sr. Eduardo José Coelho, e, a vontade d'um homem, embora esse homem a tenha de manter á custa de todas as represalias, é lei, e não encitará contra si os odios, porque o proprio odio é suffocado, visto ser um dos aspectos da opinião — do defeso.

Que fazer perante essa attitude? A imprensa reuniu-se e decidiu tomar uma attitude justificadissima de protesto.

Alguns jornaes agitaram-se, e, não houve um movimento colectivo de protesto porque algumas outras emprezas jornalisticas são órgãos politicos de partido de governo, e, tomando uma attitude claramente hostil á perseguição que promete continuar, contrariariam assim futuros manejos

identicos, provaveis, como provavel é a esperança de um dia serem poder. E, o poder em Portugal não se exerce pela prudencia, impõe-se pela repressão violenta, por todos os processos, ardilosos, com todos os desmandos.

Mas, porque se exerce a censura previa? Será um symptoma de pavor fatidico que está prestes a invadir o sr. Eduardo José Coelho, atormentado symbolo d'um regimen? Talvez.

Mas, porque se não protesta contra a odiosa tyrannia? Por uma minguada noção de liberdade que todos possuímos, e que fez dizer a Guerra Junqueiro, um dia, esta expressiva phrase:

—O portuguez só tem a noção da liberdade quando está preso.

JOÃO RISONHO.

A CAPA D' "A PARODIA"

A capa que deve servir para encadernação do **6.º volume d'A PARODIA** está já á venda. Não é possivel fazer uma ideia exacta do que é essa Capa maravilhosa. Só vista.

A percalina é verde, d'um verde azeitona. Sobre o fundo liso da percalina, uma longa facha de oiro se lança a tiracólo, com elegancia nunca vista em peito de grã-cruz. Recortando o oiro d'essa facha, em letras d'um vermelho côr de sangue, o titulo d' **A PARODIA**, impresso a ferro em braza, vibrante e rubro, põe no verde tenso da capa o rasgão fulgido de aurora.

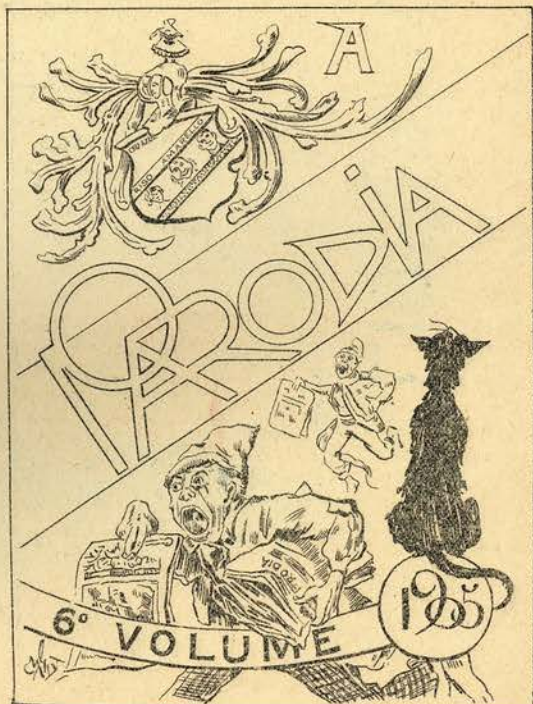
Ao alto, e á esquerda, o brazão de armas d' **A PARODIA**, de que resalta a divisa—Riso amarello em céu azul.

Em baixo, sob a facha d'oiro, o garoto dos jornaes, em attitude de quem corre e investe, fura e salta, saltando aos quatro ventos o seu pregão festivo e estridulo.

E, á esquina da capa, o gato, o grande amigo de nós todos, vira-nos o dorso, impresso a negro, e cuja silhueta graciosa se senta no fundo verde da capa.

Essa encadernação luxuosa e artistica é pois: capa de asperges, para o Clero; capa de arminho, para a nobreza; capa de borracha, para o povo—desenhada por Manuel Gustavo, e cartonada por Paulino Ferreira.

A capa para encadernar o **6.º volume d'A PARODIA** está já á venda em Lisboa, no escriptorio da nossa administração, Rua dos Mouros, 37, pelo preço de **700 réis**. A propria administração d'este jornal se encarrega de mandar encadernar o volume, pela modica quantia de **200 réis**. Os pedidos da Provincia deverão ser acompanhados de 40 réis, para o porte do correio.

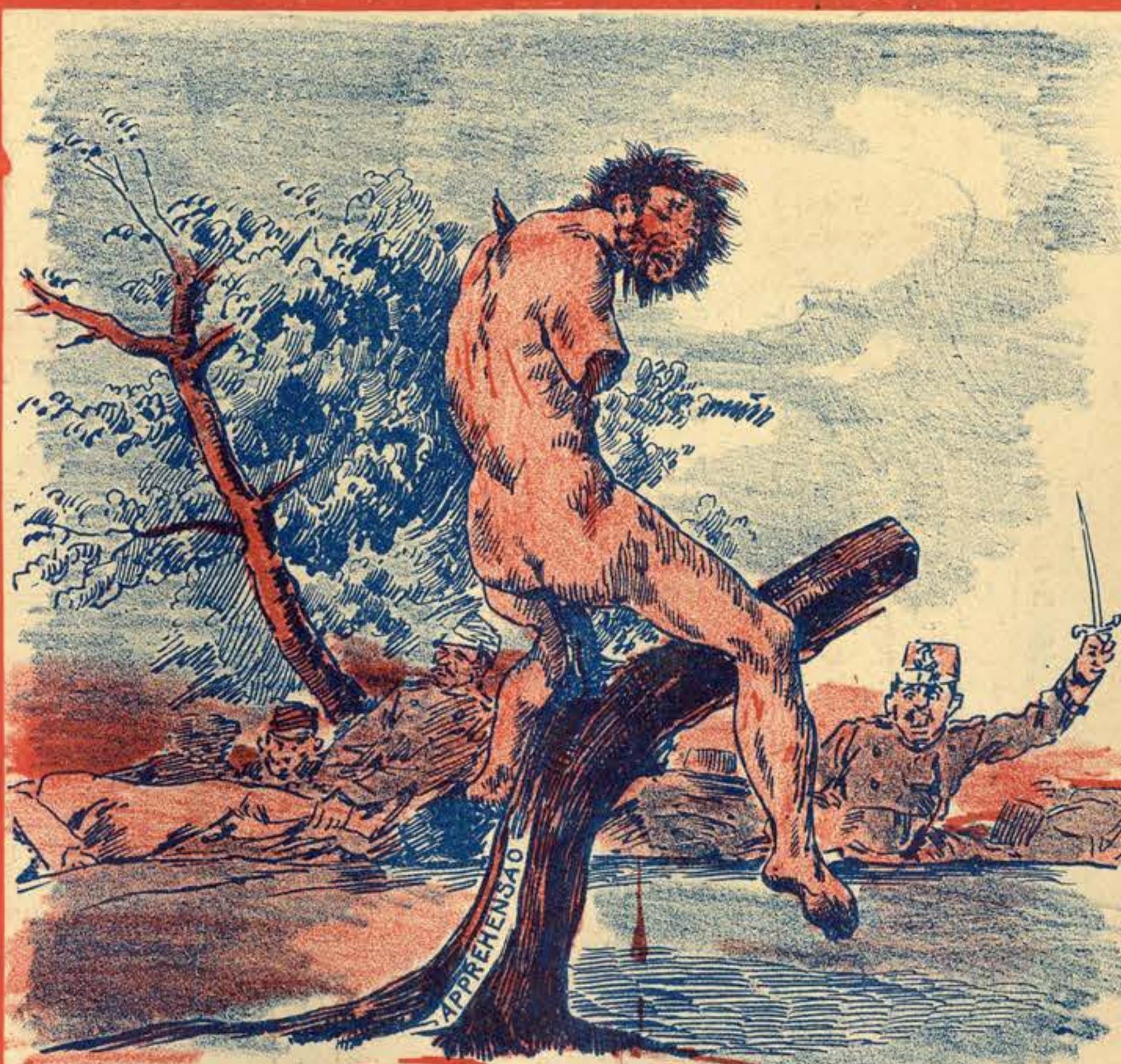


LIBERDADE DE IMPRENSA

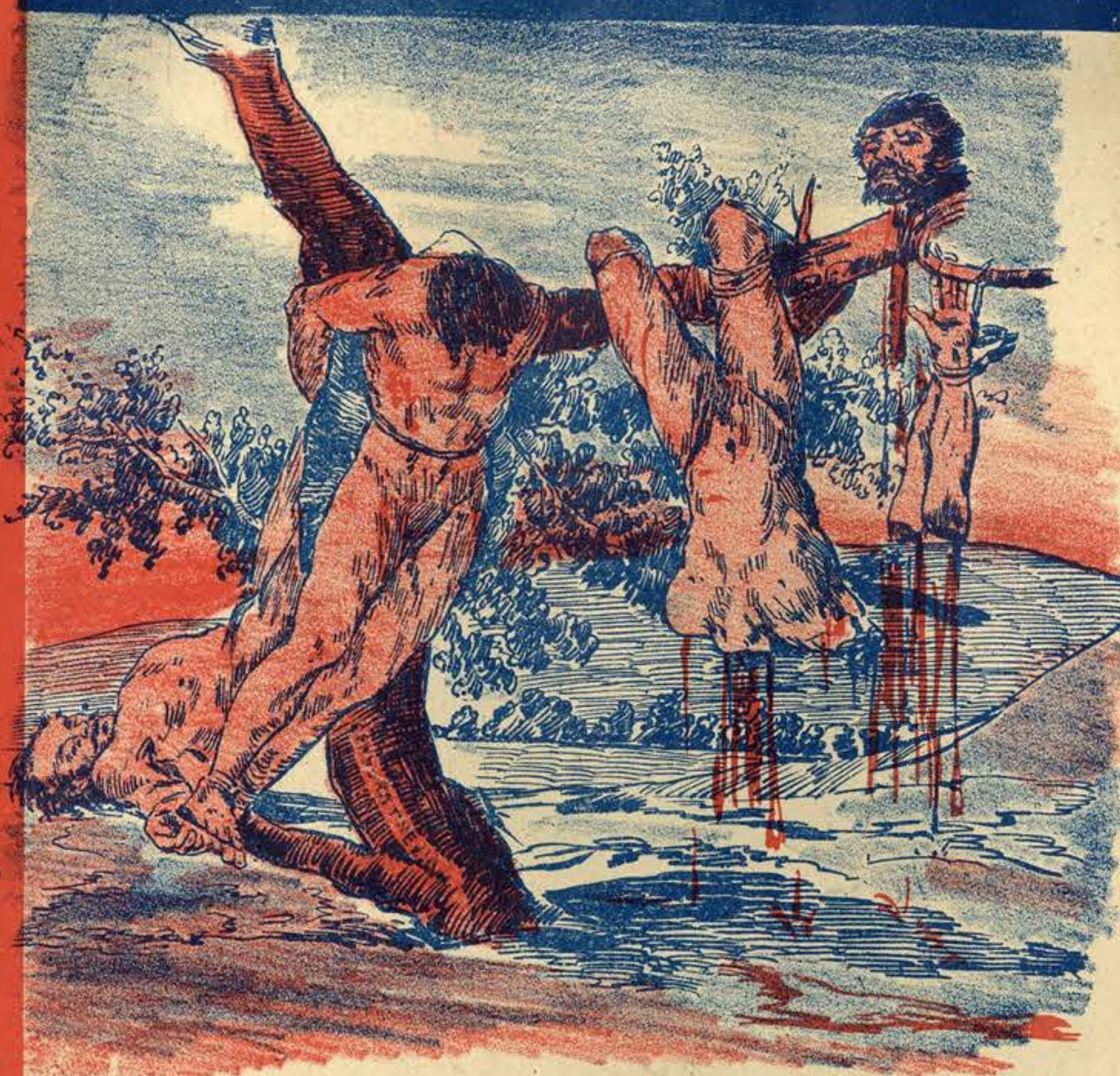
FACHOS DA CIVILIZAÇÃO



FACHOS DA CIVILIZAÇÃO



O futuro do Jornalismo em Portugal



O nosso futuro

CA' E LA' — O PROBLEMA SOPEIRAL



O problema de domesticidade, em toda a parte de difficil solução, está pondo o sal na moleirinha dos habitantes das grandes cidades inglezas e americanas, onde o serviço feminino, sobretudo, se tornou quasi impossivel pelas exigencias das senhoras creadas.

Suas excellencias reclamam agora uma remise para a sua bicycletta e o direito de tocarem, uma hora por dia, no piano da patroa.

Mas ha mais e melhor. As creadas de quarto, em Londres, acabam de constituir um syndicato (manobras de algum Burnay de lá!), que é ao mesmo tempo um Club e uma Academia — o *Arachne Club*.

Este syndicato confere diplomas ás suas associadas, as quaes não deverão de futuro servir senão nas casas onde lhes derem uma ajudante para fazer os serviços mais grosseiros.



Além d'isso, o club prohiibe expressamente a familiaridade entre patrões e serviçaes, assim como que aquelles tratem as creadas de quarto simplesmente pelo nome de baptismo. O tratamento de *miss* ficará sendo obrigatorio.

Miss conservará, entretanto, o direito de ter um... noivo, chamemos-lhe assim, com o qual possa sahir duas ou trez noites por semana, para pôr em dia a escripturação do club, naturalmente.

Deremos convir que cá e lá mais fadas ha.

Entre nós, as creadas não exigem as mesmas coisas, mas o diabo peça a escolha entre inglezas e portuguezas.

Cá não está a gente livre de que a municipal lhe coma a carne assada e a fructa que restam do jantar; cá não está a gente livre de encontrar um policia no guarda-fato, voltando a casa inesperadamente para mudar de farpella; cá não se livra a gente de encontrar cabelos na sopa, quando não encontra coisa peor.

Pelo que respeita ás trez noites por semana, está bem. Lá, como cá, uma pessoa não é de ferro. Cada um que metta a mão na consciencia...

A gente não ha de querer Deus para si e o Diabo para os outros. Que tal está!



AMOR SALTÃO

Ai o amor, o amor!...

Aqui tem os meus amigos um que e exprime assim:

«Na terça-feira, para não perder um ensejo de a ver saltei por cima de tudo, fazendo um tremendo sacrificio, que, como sabe, bem caro paguei».

Ora vejam ao que se sujeita quem ama. Não é só o padecer, como diz o velho aphorismo: é tambem a saltar e por cima de tudo — o que não é lá grande coisa e não ser a toda a gente.

Este mesmo declara que saltou mas com grande sacrificio.

Pois está claro. Não é coisa que qualquer faça com facilidade, a não ser boi dos Robertos.



NA AVENIDA:

Comprei um aparelho de Edison que nos reproduzem os contos do Alfredo Gallis.

— Um phonographo?

— Não. um pornographo.



COM A MÃO NO NARIZ

A proposito das grandes e horri-veis arbitrariedades e violencias exercidas pelas auctoridades que exorbitam—mau! mau! que isto é do sr França Borges! — acerca das patifariasinhas da costa que a excellentissima policia vem exercendo sobre todos nós, jornalistas serios e jornalistas não serios, escreve furibundo o *Jornal de Noticias* do Porto:

«Nunca se fez outra coisa atravez dos seculos. Todas as vezes que o tinteiro do publicista se exasperava contra o pote da auctoridade — imperador, monarcha, tyranno, governador, cabo de policia, — a tinta tornava-se amarella, escapava-se, tornava-se amorpha, inorganica».

Aqui ha engano. A tinta do pote é que em geral é amarella. E tambem não nos parece que se lhe deva chamar amorpha.

De cêra, de cêra, é que é.

Mas as porcarias que esta gente vae buscar para discutir as infracções dos immortaes principios.





LYRICA A' CLÉO

Oh, Cléo de Merode, oh maravilha!
Oh branco nenuphar, oh, flôr exótica!
Tem paciência filha...
Embora te pareça assás estrambótica
Esta lyrica ardente,
— Rimada em verso mau
A ti que és boa,
Tem paciência e lê! — uma pessoa,
Não é de pau!...

Eu sou um dêsses lusos valoróssos
Que na geral do Colyseu, á noite,
Te applaudi com ardôres impetuóssos,
Sem que a protestar haja quem se affoite.



Até hontem eu fui, com mão nocturna,
Teu defensor valente, encarniçado;
E não o sou tambem com mão diurna,
Visto de dia não haver bailado...

Mas, hontem, oh Cléo, ouve o que digo!
Tal baralha se armou,
Que o meu pobre chapéu feito n'um figo
Encolheu... encolheu... e liuidou...



Pelo exposto te peço, por favor,
Oh branco nenuphar, oh lyrio raro!
Que alem do teu amor
Me dês um côco inglez, castanho cláro!

FREI GIL.



Autentico:
No Gremio Litterario.
UM SOCIO — Traga-me o *Mundo*.
CREADO — Não está na mesa.
O SR. DR. ANSUR — Estará para ahi?
OUTRO SOCIO — (na sala de escripta)
Nada, aqui não está.
3.º SOCIO — Tambem o não vi:
O SR. DR. ANSUR — E' a tal coisa!
A estas horas já o levaram.
O CREADO — (cerimoniosamente) Pa-
rece-me-me que sim.
O SR. SR. ANSUR — Mas quem foi?
O CREADO — Ouvi dizer que foi o sr.
juiz Veiga!



Dos jornaes politicos.

«O sr. presidente do conselho teve
hontem, em sua casa, uma conferencia
com o srs. ministro do reino,
juiz Veiga e commandante da Guarda
Municipal.»



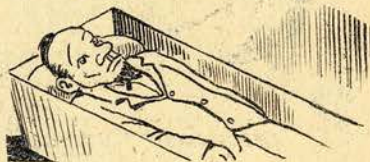
Podemos acrescentar que faltaram
o cangalheiro da rua Nova da Trin-
dade e os coveiros dos Prazeres e
Alto de S. João, mas que escreve-
ram, adherindo.

Estamos bem arranjados!

Ora vejam como as coisas são.
Foi ha dias levado á morgue de
New-York o cadaver de um vagabun-
do chamado Mealde, que afinal de
contas era um chimico americano que
ganhava uma grande fortuna desco-
brindo um processo para conservar
a carne.

Parece que em vida convenceu os
americanos da profiquidade do seu
processo para a conservação da carne.
Mas depois de morto deu coice na
invenção, porque ao cabo de tres dias,
apesar de se achar em frigorifico, tre-
sandava o americano pôdre que era
mesmo de tombar.

Vão lá entender estes homens de
sciencia!



De um communicado publicado
n'um jornal do Porto:

«Felicito o meu amigo Manuel P.
de Lima Junior pelo seu bom suc-
cesso.»

E não foi aprehendido!



Da chronica amorosa do *Illustrado*:

«Pourquoi me laisses-tu beaucoup
de fois sans nouvelles, quand tout
bas mon cœur t'appelle?»

Não sabiamos que o sr. Eduardo
José Coelho tinha dado agora n'isto.



O DOMADOR



Mau! Estas feras já arreganham o dente...
A' força de os comer ainda acabo por ser comido...